



MALDIÇÃO

Harper L. Woods

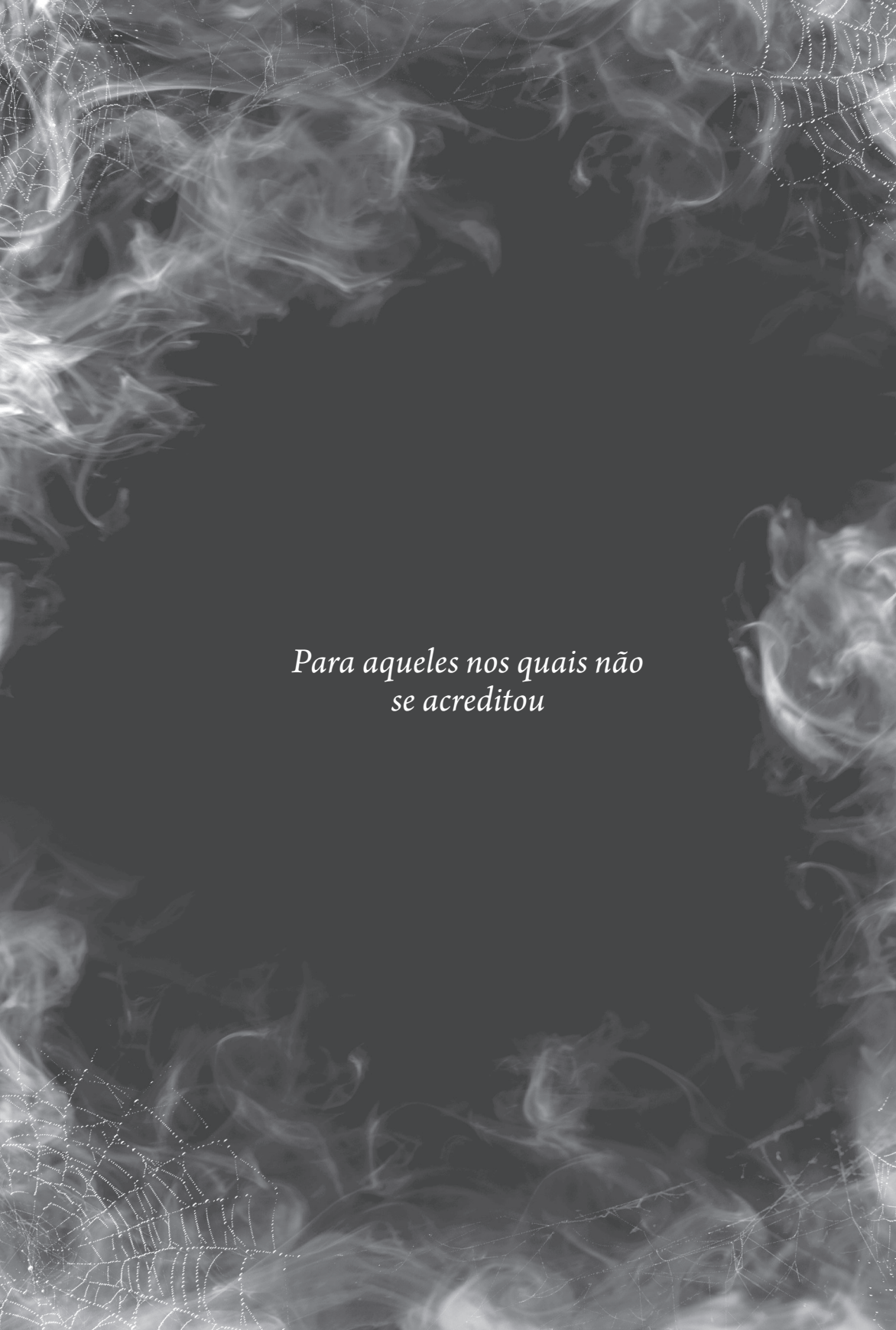
DA AUTORA DE COVEN

MALDIÇÃO

Harper L. Woods

MALDIÇÃO

Tradução de Luciana Dias



*Para aqueles nos quais não
se acreditou*



PARTE I



1 BELZEBU

A N T E S

ESTAVA UM FRIO DO cacete.

Lúcifer nos prometeu um refúgio, em vez disso acabamos em uma tundra meio congelada, onde o gramado amanhecia coberto pela geada. Nunca achei que fosse sentir saudade do calor do Helfyre perto de mim, custava acender as lareiras em um lugar frio e úmido assim?

Minhas asas de couro pretas esbarraram no arco quando atravesssei um dos corredores mais estreitos, me forçando a encolhê-las e abaixar bastante a cabeça para conseguir passar. Arranhar minhas asas nas paredes de pedra podia não ter causado nenhum dano, mas com certeza serviria para a porra de um único objetivo.

Me deixar puto.

Lúcifer estava fora de si ao dar tanto do seu sangue à sua consorte, e eu os havia deixado bem na fronteira com a floresta, não estava nem um pouco confortável depois de ela claramente tentar escapar. Não sabia como ela conseguiu deixar ele na palma da sua mão; não era como se ela fosse uma bruxa Vermelha e o tivesse corrompido com a natureza viciante do sexo.

Ela não era *nada* especial; só mais uma humana. Havia inúmeras outras dispostas a aquecer a cama dele, bem menos complicadas, afinal de contas.

Já tinha visto demônios e almas perdidas o bajularem no Inferno, e não queria nem imaginar como corriam atrás dele no plano dos vivos, ainda mais em uma época quando não sabiam o quanto ele era perigoso.

Caminhei pelos corredores em direção aos quartos que Lúcifer designou por ora aos arcanjos. Era um corredor bem pequeno e isolado, bem ao lado das salas do Tribunal e do pátio, tomado por plantas que praticamente se contorciam com vida.

Seja lá o que as bruxas fizeram ali, aquele lugar exalava poder de um jeito diferente do resto da Bosque do Vale.

Passei o restante do meu dia, após deixá-los, cuidando dos assuntos que Lúcifer *deveria* resolver ele mesmo. Manter os arquidemônios na linha; ensiná-los a não comer as bruxas no almoço.

Mantendo as mãos deles longe delas até que Lúcifer decidisse como exatamente ele queria que tudo acontecesse. Controlar os bruxos sempre foi sua intenção, e era onde nossas visões para esse mundo divergiam. Ele os via como crianças rebeldes, como seres que ele poderia domar e com quem poderia conviver.

Eu os via como a razão pela qual Lúcifer nos abandonou no Inferno. Então nada mais justo que aprendessem na própria carne como era aquela solidão. Não pareciam dar valor ao fato de que Lúcifer vivia entre eles há séculos, não da maneira como os seus fiéis demônios teriam se regozijado em tê-lo de volta.

Em nos *escolher*.

A esposa de Lúcifer ser uma bruxa — uma complicação que nenhum dos arquidemônios antecipou — não fazia parte do plano.

Titubeei ao ouvir o som suave de uma melodia singela ressoando na noite enquanto fazia minha ronda. Todos os bruxos haviam se recolhido para cama antes de escurecer, como se temessem o que os arquidemônios poderiam fazer com eles se fossem apanhados fora dos seus quartos à noite. Uma tentativa idiota. Já deviam saber, como qualquer um, que o mal não estava relegado à escuridão.

Podíamos matá-los com a mesma facilidade sob o sol brilhante do dia.

As plantas no pátio balançavam em sintonia com a melodia suave. A voz da mulher era rouca e baixa. Deslizei para a frente com pés firmes e determinados, incapaz de resistir ao chamado daquele som. Eu não conseguia vê-la, não com a maneira como as plantas a protegiam da vista.

Abafavam sua música, logo percebi. Mantendo privada em uma área que poderia ter sido ocupada não fosse o medo que os bruxos sentiam de nós.

Apenas o fato de que uma bruxa era corajosa a ponto de sair sozinha, quando os outros não se atreviam, já teria sido suficiente para despertar minha curiosidade. Mas a beleza desoladora daquela música mexeu no lugar onde um coração teria estado, se eu acreditasse que tinha um.

Um homem mais inteligente teria se afastado por essa razão. Apesar de nunca ter ouvido a canção de uma bruxa antes, sabia dos poderes que tinha para todos os que a escutassem — a maneira como algumas bruxas usavam seu canto para enredar suas vítimas para que pudessem se alimentar da luxúria que despertavam.

Assim mesmo, segui adiante, atraído para aquele som de maneiras que eu não conseguia explicar, enfeitado como uma mariposa indo ao encontro do fogo. Aproximei-me da parede de pedra ao lado do pátio, passando por cima dela com facilidade para me aproximar da minha captora. As rosas formavam um arco no centro do jardim, quase como uma passarela criada para mim, me levando ao caminho da tentação.

Uma mulher estava parada no fim do túnel formado pelas rosas, de costas para mim. Seus cabelos louros ondulados caíam logo acima dos ombros em camadas, fazendo com que parecessem leves e mais macios do que qualquer coisa que eu já sentira. A necessidade repentina de tocá-los tomou conta de mim, fazendo-me dar mais um passo, e meu olhar deslizou para a extensão suave dos seus ombros. Sua blusa vermelha-escura tinha um decote baixo nas costas, revelando a curva da sua espinha. Ela tinha notas musicais tatuadas subindo até o centro, a tinta se desvanecendo em tufos quando encontrava as linhas definidas do músculo que descia por cada lado.

Sua saia xadrez era curta, e suas meias brancas, até a altura das coxas, abraçavam e definiam suas longas pernas. Não havia nenhuma imperfeição à vista no local onde a parte de cima da meia encontrava a coxa. Eu já podia imaginar a força que eu encontraria naquelas pernas se passasse meus dedos por elas, imediatamente me fazendo querer conhecer mais seu vício predileto — o exercício que ela usava para ganhar um controle tão obsessivo do seu corpo.

Não havia um fio fora do lugar na sua cabeça, nem uma manchinha de sujeira ou fiapo em qualquer lugar das suas roupas.

Ela era cuidadosa e meticulosa sobre sua aparência, mas alguma coisa parecia mais forçada do que natural, a tatuagem que subia pela sua espinha era a única pista da mulher real que existia sob aquele controle externo cuidadoso.

Dei mais um passo, estremei ao som de um graveto quebrando sob o peso da minha bota. As plantas tinham parado de se mexer ao sentirem minha presença, as

rosas e trepadeiras de hera que balançavam ficaram imóveis de uma maneira que apenas tornou meu passo em falso mais alto no silêncio que se seguiu.

A mulher se virou de repente e parou de cantar, seu cabelo balançou e revelou o choque estampado em seu rosto bonito.

Não, *bonito* não era uma palavra forte o suficiente.

Ela era um anjo, os grandes olhos cor de mogno e os lábios curvados perfeitos abertos de surpresa. Seus olhos se fecharam suavemente ao me avistar e ela suspirou, já eu não consegui conter o ronco que ressoava no meu peito.

Será que ela não reconheceu o predador diante dela?

Continuei avançando, parando apenas quando ela, receosa, deu um passo hesitante para trás. Suas maçãs do rosto eram altas, perfeitamente definidas, e seu nariz era o enfeite perfeito no centro do rosto. O decote do seu uniforme deixava à vista o início da linha dos seus seios, vastos o suficiente para preencherem minhas mãos.

— Eu não queria que ninguém me ouvisse — disse ela, a voz uma melodia grave marcada com um pedido de desculpas. Era de certa forma rústica, o que me fez remeter a paixão em uma noite quente de verão, que me fez pensar em ar abafado e corpos suados e escorregadios.

— Eu ouvi, passarinha — falei, dando mais um passo para a frente.

A mulher estremeceu como se eu a tivesse atingido fisicamente.

— Você vai esquecer que me ouviu logo — disse ela, andando em volta de mim. Ela manteve a cabeça abaixada ao tentar passar por mim, seu corpo inteiro estremeceu em desespero quando estendi o braço para tocá-la e meus dedos roçaram no seu braço.

Eu me contive imediatamente, sem conseguir entender por que eu me importei tanto em respeitar o desejo dela por espaço. Ela era uma bruxa, o tipo de criatura a qual eu passara séculos de vida desprezando e aguardando o dia em que poderia puni-los como eu fui. Os bruxos mereciam conhecer cada pedacinho de dor que acompanhava quem era deixado para trás, ter uma vida sem esperança no lugar mais sombrio de todos.

Então, por que a simples ideia de que ela já conhecia essa dor me enchia de uma fúria que eu achava não ser mais capaz de sentir depois de tantos anos?

Franzi a testa e estreitei o olhar diante da expressão de pânico no rosto dela. Não havia como negar a cautela ali. O medo de ser tocada.

Quem?

Não fiz a pergunta em voz alta, enfiando as mãos nos bolsos para acalmá-la. Ela já estava tão nervosa e rastreava cada movimento meu, seu corpo tenso como se à espera do meu ataque.

Seus pés estavam afastados na distância dos ombros, prontos para lutar assim como para fugir. Só isso já merecia meu respeito, saber que ela faria o que fosse necessário para se afastar do perigo — e que provavelmente havia jurado levar qualquer um que a atacasse junto.

O tônus muscular no seu corpo delicado só confirmava isso.

— Qual o seu nome? — perguntei, observando quando ela passou a língua no lábio para umedecê-lo. Meu mundo inteiro se resumiu àquele movimento, meu corpo ficando tenso com o desejo de sentir aquele calor molhado nos meus lábios. Sabia que aquilo com certeza era uma consequência da música, essa atração tão potente e anormal que não podia ser nada menos do que sua magia fazendo seu trabalho no meu corpo, tentando me tornar seu servo voluntário.

— Meu nome não importa. Vai me esquecer logo, logo — disse ela, se virando de costas em um dos seus saltos altos. Ela andava neles sem esforço, apesar da terra sob seus pés, passando com facilidade por cima da parede de pedra que cercava o pátio florido. Seus saltos ecoaram no chão de pedra enquanto ela fugia rápido, mas sem correr. Ela não me deu o prazer desse medo.

Fiquei imóvel, encarando a mulher misteriosa, imaginando como *alguém* poderia esquecê-la.



2

MARGOT

O PESO DO OLHAR da minha mãe não me deixou em nenhum momento na aula que há muito tempo era o tormento da minha existência. Crescer sob o controle da minha tia, membro do Tribunal de Eroles, não era uma tarefa fácil, mas significava que eu já sabia toda a teologia por trás da nossa magia e como funcionava. Embora minha tia fosse um membro do Tribunal de Eroles, ela não teve filhos, então ela e minha mãe assumiram juntas a responsabilidade de cuidar da minha educação.

Esse era um conhecimento que ela usava com frequência a seu favor, me fazendo perguntas cujas respostas ela sabia que eu teria, ao contrário de outros. Enquanto os Vermelhos como um todo eram mais liberados sexualmente do que muitas das famílias dentro do coven, não significava que todos fossem tão encorajadores quanto minha mãe tinha sido.

Ela já sabia desde que eu era bem nova que eu não era como o resto, que minha magia tinha uma natureza mais sombria do que a de muitas das outras. Elas podiam controlar o poder nas suas canções, precisando gastar esforço e magia para conseguir que a magia se infiltrasse sob a pele de alguém e o tomasse por dentro, até que seu corpo não passasse de um instrumento a ser usado.

Eu nunca tive escolha, nunca tive a opção de rejeitar a magia que pulsava com tanta facilidade das pontas dos meus dedos. Estava em tudo o que eu tocava, em tudo o que eu fazia, e em cada palavra que eu cantava.

Essa era a razão pela qual eu recusei todos os convites para participar do coro que ocupava a maior parte do tempo livre dos Vermelhos, a razão por

que eu frequentemente ficava sozinha na biblioteca em vez de passar o tempo com meus colegas. Eles não entendiam o peso daquela magia e o que significava para mim.

Não entendiam como aquilo virou minha maldição.

— Você está escutando, Margot? — perguntou minha mãe, deixando de lado o entendimento geral de que, mesmo ao ensinar para sua própria prole, é preciso manter um certo distanciamento.

Aqui, eu não deveria ser a filha mais velha de Fritha Eroles, a filha da próxima herdeira do assento do Tribunal de Eroles, já que minha tia, que no momento ocupava esse lugar, não tinha filhos. Aqui, eu deveria ser a *Srta. Eroles* fria e organizada, como muitos dos outros que frequentavam a turma junto comigo — primos de primeiro e de segundo grau e membros da família que descendiam da mesma linhagem, mas que se misturaram há tanto tempo que ninguém conseguiu registrar.

Os herdeiros Peabody se sentavam do outro lado da sala, a divisão entre os dois mais evidente do que nunca.

— Sim, senhora — eu disse, confirmando com a cabeça de uma forma submissa, baixando o olhar para o livro na minha frente. Uma espiada rápida em minha prima Belva ao meu lado confirmou que eu estava seis páginas atrasada, perdida nos meus próprios pensamentos. Mesmo antes de perceber que minha mãe estava me encarando, foi um certo arquidemônio de olhos vermelhos que ocupava minha mente.

Vê-lo no pátio na noite anterior tinha me mantido acordada a noite toda, e eu sabia que metade da raiva da minha mãe era provavelmente porque ela tinha visto como minha aparência estava sem viço por causa disso. A primeira regra dos Vermelhos era que aparência era tudo, e não era possível usar magia para substituir uma boa noite de sono e mais alguns momentos de cuidado pela manhã.

— Então me explique como funciona exatamente o cone de poder e as maneiras como usamos isso para manifestações de poder supremo — disse ela, fazendo minhas bochechas corarem de calor conforme todos os olhos se voltaram para mim.

Minha Deusa, às vezes eu desejava ter uma relação normal com a minha mãe em que discutir essas coisas fosse desconfortável para todos os envolvidos e não só para mim.

— Quando utiliza o cone de poder, uma bruxa guarda toda a magia que ela acumulou durante o sexo, tanto dela quanto do desejo do seu parceiro, dentro

do corpo até que o clímax seja alcançado. Nesse ponto, ela usa o seu corpo como um condutor e manda para o universo, deixando suas intenções claras e o usando para alimentar o feitiço de forma que o resultado do seu desejo se concretize — eu disse, as palavras quase literalmente as mesmas do livro didático na minha frente.

Não importava que eu nem tivesse virado na página certa, não quando aquelas palavras foram introjetadas no meu cérebro desde que fiz dezoito anos e minha mãe expressou sua decepção por eu não demonstrar sinais de interesse em nenhuma das atividades extracurriculares das quais meus colegas já tinham começado a participar.

Minha mãe concordou com a cabeça, se virou e continuou a aula que eu já ouvira incontáveis vezes. Soltei um suspiro de alívio no momento em que sua atenção se dirigiu para outro lugar, meus pensamentos logo voltaram ao perigo que me esperava.

Eu não sabia quanto tempo levaria para o arquidemônio aparecer na minha vida, mas eu sabia que a música o obrigaria a isso. Ele não ia conseguir ficar longe, e isso era a consequência de eu ter reservado um tempinho para cantar.

Eu tinha medo demais de me aventurar fora da escola, de correr ao redor da floresta até estar longe o bastante para que ninguém ouvisse e eu pudesse cantar livremente. Achei que os bruxos já tinham todos ido para a cama e que talvez eu estivesse segura naquele pátio abandonado tão tarde da noite.

Em vez disso, consegui atrair um dos maiores perigos para o meu bem-estar. Eu nem sabia que arquidemônio era, nunca prestei muita atenção às aulas quando se tratava da história do coven. Se tivesse sido alguns dias antes, podia ter buscado o conselho de Willow.

Porém, minha amiga tinha coisas demais para se preocupar com o diabo reivindicando ser seu marido. A última coisa que ela precisava era se preocupar com a minha segurança.

O sinal tocou, indicando o fim da última aula do dia. Parecia burrice continuar com a nossa educação como se nosso mundo inteiro não tivesse virado de cabeça para baixo, como se o diabo e seus arquidemônios não tivessem subido para a terra pela primeira vez na história.

Nenhum de nós sabia o que isso significava para o futuro do coven, para o futuro dos bruxos que chamavam a Bosque do Vale de casa. Até onde sabíamos, este podia muito bem ser o nosso último dia de vida. Parecia um dia que devia ser passado com nossos entes queridos, uma última oportunidade antes de tudo ser destruído.

Em vez disso, a Bosque do Vale mais uma vez nos obrigou a priorizar nossa educação porque, como o futuro da nossa espécie, saber como nossa magia funcionava era de suma importância. Ainda assim, se Willow estivesse certa, nós já havíamos perdido a verdadeira natureza da nossa magia há muito tempo. Sua magia Verde tinha trazido de volta a vida das plantas ao nosso redor de uma maneira como eu nunca tinha visto; estava tão acostumada à vegetação seca e meio-morta que nunca nem questionei como ela deveria ser.

Eu me mexi para guardar meu livro, deslizando-o para dentro da bolsa quando a figura esguia da minha mãe surgiu na minha frente. Ela bateu duas vezes com as dobras dos dedos na superfície, as unhas pintadas de um vermelho vivo e brilhante, e eu congelei.

— Gostaria de falar com você antes de fugir da minha sala — disse ela, virando as costas para mim rapidamente e se encaminhando para sua mesa.

Enquanto os outros alunos saíam, larguei a minha bolsa de livros em cima da minha mesa e me levantei da cadeira com cuidado, indo até ela. Era mais uma das suas jogadas de poder para me fazer ir até ela quando ela esteve parada na minha carteira apenas alguns minutos antes. Mais uma da sua longa lista de joguinhos.

— Sua aparência está péssima — disse ela, sem perder tempo antes de começar a me criticar. Ela desviou os olhos de mim logo depois de falar essas palavras, pegando uma caneta na mesa para dar notas em trabalhos dos alunos enquanto eu permanecia parada sob seu julgamento. A porta não tinha nem fechado ainda, significando que os alunos bisbilhoteiros que esperavam logo atrás dela podiam ouvir eu ser ridicularizada, mas a minha mãe não se importava. — Sua imagem é um reflexo direto dessa família. O que foi que eu falei sobre sair do seu quarto sem se preocupar em garantir que está nos representando de uma maneira adequada?

A triste realidade era que eu havia feito tudo o que eu podia para atender aos padrões dela. Eu tinha acordado antes de o sol nascer, apesar de ter acabado de conseguir adormecer, tinha tomado banho e arrumado meu cabelo, cuidado da minha pele com loções das quais os Vermelhos se orgulhavam tanto de produzir para retardarem o envelhecimento.

Porém, nada conseguiu apagar minhas olheiras.

— Não consegui dormir — eu disse, mesmo sabendo que isso não seria uma desculpa suficiente na cabeça dela.

— Está tendo pesadelos de novo? — perguntou ela, se referindo aos dias quando eu ia até ela de manhã depois do Itar me visitar, lhe contando o que ele havia feito.

Ela sempre dizia que eram apenas pesadelos, frutos da minha imaginação fértil que eram absolutamente naturais tendo em vista o quanto de magia eu tinha.

— Não — eu disse, mudando de assunto rapidamente. Eu não queria mais um lembrete confirmando que minha própria mãe não acreditava em mim, que ela preferia acreditar que meu abuso não passava de uma alucinação, em vez de suspeitar que um dos membros do Tribunal fosse capaz de um crime daqueles. — Eu estava com medo. Aconteceu uma coisa na noite passada. Eu cometi um erro e...

Seu olhar cor de mogno que era tão parecido com o meu encontrou o meu de repente, sua caneta caindo no papel enquanto ela me encarava com uma expressão furiosa.

— O que foi que você fez? — perguntou ela, as palavras saindo entre dentes cerrados. Seus dedos bateram na superfície da mesa com impaciência, esperando que eu falasse as palavras que ela tinha tanta certeza que seriam uma decepção para ela.

Assim como eu.

— Eu cantei no pátio na noite passada. Eu precisava desse alívio, com tudo o que está acontecendo e a maneira como estão as coisas agora que Lúcifer está aqui — respondi, me referindo ao fato de que a magia parecia estar transbordando de todos. Eu não sabia se era só o aumento da tensão, fazendo com que as pessoas desejassem extravasar de modos mais prazerosos, ou simplesmente a presença dele, mas eu sentia a magia se infiltrando nos meus ossos, não importava onde eu estivesse ou o que fizesse. Eu precisava liberar um pouco dela da única maneira que fosse possível para mim.

— Você podia ter simplesmente levado um parceiro para a cama como todos nós — disse minha mãe, suspirando de decepção. — Você sabe que Keane estaria mais do que disposto a te receber dessa maneira antes da sua promessa de casamento. — Mencionar o noivo prometido que a Aliança escolheu para mim quando eu era bem nova foi como me jogar dentro de uma banheira de água gelada.

Não que Keane fosse feio ou cruel ou qualquer dessas coisas que me fariam ter medo da nossa união. Ele era um dos homens mais gentis que eu conhecera no coven, um bruxo Peabody que sacrificou sua magia quando a Aliança ofereceu juntá-lo comigo. Todas as outras meninas suspiravam por ele e me falavam como eu era sortuda por ter garantido um companheiro daqueles.

Por todos os motivos, eu *devia* estar radiante. Eu devia ser capaz de sentir por ele a afeição que ele tão obviamente sentia por mim, me seguindo por todo

lado, como um cachorrinho apaixonado, ano após ano até finalmente começar a manter distância por causa do meu desconforto.

Mas isso não acontecia. Há muito tempo, comecei a suspeitar que eu não *conseguia* sentir nada mais do que um reconhecimento superficial de que alguém era atraente. Alguma coisa muito importante simplesmente faltava em mim, me deixando incapaz de ter sentimentos de desejo e amor e todo o calor que eu podia ter ganhado pela natureza da minha magia.

— Bem, eu não fiz isso — falei rispidamente, me arrependendo na mesma hora pelo tom quando o olhar da minha mãe se endureceu naquele que ameaçava me punir pela minha atitude. No nosso mundo, não importava que eu tivesse vinte anos de idade e fosse uma mulher adulta, ela sempre seria minha superior, como futuro membro do Tribunal e matriarca da nossa linhagem.

— Quem ouviu? — perguntou ela, se preparando para amenizar o estrago se eu tivesse acidentalmente enfeitiçado alguém dentro do coven. Mesmo não sendo ilegal, era malvisto usar nossa magia contra aqueles em posições hierarquicamente mais altas do que nós.

Engoli em seco.

— Um dos arquidemônios... — falei, deixando as palavras morrerem enquanto ela inclinava a cabeça para o lado, pensativa.

O rosto dela estava cuidadosamente inexpressivo enquanto me avaliava, todos os traços de raiva sumindo das suas feições.

— Você sabe qual? — perguntou ela, e balancei a cabeça.

Eu não sabia o nome dele. Não sabia qual das criaturas vinculei a mim.

— O que tem asas e tatuagens com símbolos enoquianos no peito. Olhos vermelhos — eu disse, oferecendo a explicação mais simples possível. Eu achava que minha mãe não teria notado a maneira como o cabelo castanho-escuro do arquidemônio tinha o mesmo comprimento do meu, preso atrás da cabeça em um coque. Achava que ela não teria percebido a força da sua mandíbula quadrada, a maneira como as linhas duras do seu rosto eram brutais e lindas ao mesmo tempo, suas sobrancelhas, duas linhas zangadas que haviam se suavizado para mim.

— Belzebu — disse ela, pegando a caneta e usando-a para desenhar símbolos enoquianos no seu caderno. Eram os mesmos que vi no peito do arquidemônio na noite anterior, e confirmei com a cabeça quando os reconheci. — Ele pareceu afetado pelo seu canto? — Ela abaixou a caneta devagar, como se não ousasse se mover muito rápido.

Pensei na noite anterior, imaginando se eu tinha interpretado mal a situação. Se eu supus que ele estava sob meu feitiço quando ele não foi afetado, mas a lembrança dele me chamando de *passarinha* foi um sussurro na minha mente, o som da sua voz grave e gutural como um carinho na minha pele.

Estremeci ao me lembrar daquele som, me lembrando da maneira como me senti naquele momento. Nunca senti uma coisa assim na vida, nunca ouvi uma voz tão grave e áspera, mas de alguma forma também tão gentil. A maneira como ele tinha tocado em mim quando tentei ir embora, parecendo em conflito consigo mesmo por um momento, antes de respeitar meus desejos.

Ele tinha me deixado ir embora.

— Acho que sim — eu disse, respondendo à pergunta dela da melhor maneira que pude. Eu não conseguia me fazer compartilhar o apelido com ela, sentindo que era melhor deixar aquilo entre mim e ele, pelo menos por enquanto. Parecia íntimo, como alguma coisa que ele não tinha me dado de graça, mas que eu tinha roubado dele com a magia da minha voz.

Um nome que eu não tinha conquistado, que não precisava ser reivindicado.

Um sorriso largo se espalhou no rosto da minha mãe, do tipo que eu nunca tinha visto, fazendo sua expressão se transformar em uma beleza que eu sabia que ela era capaz de exibir quando estava cercada por pessoas das quais gostava.

Eu simplesmente não era uma delas.

— Ah, Margot, isso é maravilhoso! — disse ela, se levantando e contornando a mesa. Ela se aproximou de mim, pegou o meu rosto com mãos macias e delicadas, de uma forma tão terna que tudo dentro de mim se contraiu. Eu queria recuar do seu toque que não era natural para mim, da alegria e do orgulho no rosto dela.

Fiz uma coisa horrível, e era *isso* o que tinha deixado minha mãe feliz.

— É? — perguntei, engolindo de volta o veneno nas minhas palavras. Argumentar com ela que era monstruoso não me levaria a lugar nenhum, não com a maneira como ela me encarava como se eu tivesse lhe dado alguma esperança.

— Você enfeitiçou o braço direito de Lúcifer. Se você e Willow puderem trabalhar juntas, isso poderia nos dar uma vantagem. Vai ter Belzebu na palma da sua mão em pouco tempo se continuar cantando para ele agora que já fez ele morder a isca. Vou garantir que os outros Vermelhos saibam que a música funciona, e talvez possamos colocar os outros sob nosso controle também — disse ela, parando de falar e me deixando para voltar aos trabalhos em que ela precisava dar nota, e o nosso momento passou.

— Mas isso é horrível — eu disse, pensando em como a situação era perigosa. Se Belzebu se viciasse demais na minha magia, se eu o colocasse mais ainda sob meu feitiço, seria apenas uma questão de tempo para ele querer *agir* sob esse feitiço. — Você está falando em tirar o livre-arbítrio deles intencionalmente. Foi sem querer, mas se elas forem atrás dos arquidemônios...

— Ah, Margot, não seja tão dramática — disse ela finalmente, abanando a mão para me dispensar. Eu havia cumprido meu propósito, e agora ela já tinha acabado o assunto comigo. — Eles são arquidemônios. Eles não têm sentimentos.

Concordei com a cabeça e peguei minha bolsa de livros na mesa, me retirando da sala o mais rápido possível. Minha mãe podia alegar que não importava porque eles não tinham sentimentos, mas eu sabia muito bem que mesmo alguém ruim e desprovido de calor veria isso como uma violação.

Eu, com certeza, via.



3

MARGOT

SAÍ CORRENDO DA SALA, virando à direita para alcançar a escada, sem sequer olhar para os alunos reunidos perto da porta por onde passei. Subi mais rápido do que os outros, a bolsa de livros, pendurada até a altura dos meus quadris, balançando. Eu avançava pulando degraus, abrindo bem as pernas para acomodar os passos maiores, grudando na parede para impedir que alguém pudesse ver por baixo da minha saia perto do corrimão.

A necessidade de me pressionar, de tensionar meus músculos com a velocidade ao subir correndo aqueles degraus era tão avassaladora que eu não teria conseguido esconder nem se quisesse. Provocar dor no meu corpo era a única maneira de me fazer *sentir* o que sabia que deveria doer, mas a lembrança da minha infância e a falta de aprovação da minha mãe desta vez não me atingiram como antes.

O torpor era uma praga na minha alma, me assombrando tanto que eu me perguntava, tantas vezes que eu já perdera a conta, o que havia de errado comigo e como poderia consertar.

Mas era impossível, e a única coisa que podia fazer era forçar meu corpo até sentir que não aguentava mais. A floresta e os arredores não eram seguros, nunca tinham sido mesmo antes de os arquidemônios chegarem, mas agora eram ainda menos e minha vida estaria em perigo se eu tentasse me arriscar a encontrar um meio de extravasar.

Eu ainda não estava nesse ponto, então subi correndo os quatro lances de escada até a biblioteca, no andar superior, meus pulmões arfando quando

cheguei ao topo. Parei do lado de fora da porta, recuperando o fôlego e tentando me recompor por um breve momento. O suor descia pela minha espinha, piniçando no lugar onde minha tatuagem me marcava. Minha mãe ficara furiosa quando apareci na aula com a tatuagem coberta por um brilho de uma pomada cicatrizante, a tinta fresca e a pele ainda um pouco inchada.

Os Vermelhos não faziam nenhum tipo de modificação corporal como via de regra. Uma expressão pessoal como aquela era vista como um aspecto que reduzia nossa atratividade objetiva, tornando-a passível de ser amada ou odiada. A maioria dos bruxos não conseguia criar alguma coisa do nada, o que significava que permanecer atraente para o máximo de pessoas possível era uma vantagem aos olhos dos mais velhos.

Minha mãe detestava o cabelo mais curto pela mesma razão, porque foi um ato direto de rebeldia aos desejos dela. Eu me recusava a deixar que ele passasse dos ombros porque eu sabia como ela detestava. Os piercings que eu escondia embaixo da blusa, que eu, de maneira tola, fiz sozinha, eram mais um protesto silencioso contra as regras impostas sobre nós por um coven excessivamente rígido, que queria apagar todo e qualquer traço da nossa individualidade. Não me importava que ninguém mais os visse, se eu tinha feito exatamente o que eu queria.

Eu não os fiz para ninguém além de mim mesma.

Suspirei, virando o rosto para a porta da biblioteca e parando de repente quando *ele* apareceu na frente da porta e bloqueou meu caminho.

Belzebu.

Dei um passo vacilante para trás, uma tentativa desesperada de ampliar a curta distância que ele colocou entre nós. De tão perto, ele parecia ainda maior do que na noite anterior. Eu estava longe de ser baixa, com um metro e setenta de altura, e ele certamente tinha uns trinta centímetros a mais do que eu. Seus ombros eram largos, os braços cruzados, revelando uma tensão nos músculos definidos. Suas asas estavam fechadas dos lados e ele tinha o queixo levantado, mostrando uma postura confortável na minha frente.

Presumi que ele voou para a plataforma que levava à biblioteca. O espaço era estreito e me deixava com a escada atrás e ameaçadoramente perto demais. Um empurrão rápido e eu cairia, livrando-o da maldição que lancei nele ao permitir que escutasse minha canção.

Por um instante, pensei se ele faria isso. Por um instante, esperei que sim.

Mandíbula cerrada e olhos vermelhos em chamas, sua delicadeza da noite anterior tinha sumido. Seu cabelo ainda estava preso naquele coque na parte

de trás da cabeça, e me perguntei se ele alguma vez o deixava solto em volta do rosto. Suas tatuagens de símbolos enoquianos douradas brilharam, pulsando com a luz quando ele deu um passo na minha direção, e meu coração disparou de ansiedade pela minha morte iminente.

— O que você quer? — perguntei, olhando para trás para a escada.

Ele não respondeu, me examinando com atenção. Olhava para mim como se eu fosse um quebra-cabeça, lendo as linhas de tensão no meu corpo e o que quer que ele pudesse ver na expressão do meu rosto.

Eu não sei se foi medo ou a euforia que fez meu coração disparar, esperando que ele tomasse a decisão que nós dois sabíamos que havia por trás da maldade naquele olhar. Levaria só um momento e ele seria capaz de se libertar. Deixei meu corpo relaxar enquanto esperava.

Ele inclinou a cabeça para o lado, me examinando como se eu o tivesse surpreendido.

— Por que você não canta? — ele perguntou, estendendo o braço para a frente tão de repente que achei que fosse me empurrar. Em vez disso, ele me agarrou pela alça da minha bolsa, me puxando para a frente com força, e eu caí em cima dele. Minhas mãos plantadas no seu peito, o calor da sua pele se infiltrando em mim enquanto sua boca se abria.

Cada música. Cada *toque*.

Saltei para trás e ele abriu a boca em choque. Eu o contornei para inclinar as costas contra a parede ao lado da porta da biblioteca. Isso o deixou sem escolha além de mudar de lugar comigo, a escada ficando nas costas dele. Ele ainda estava perto demais, inclinando o braço contra a parede sobre a minha cabeça, mas manteve uma distância suficiente para não me tocar.

Esse gesto, por si só, me pareceu muito gentil, dado o que eu sabia sobre o efeito do meu toque. Pareceu controlado, ao passo que tantos outros perdiam completamente o autocontrole com uma proximidade tão grande da minha magia.

— Por que você não canta? — ele perguntou mais uma vez, os olhos se estreitando com impaciência.

— Não estou a fim de cantar agora — eu disse, dando um meio-sorriso amargo. Pareceu mais uma atitude da Willow do que minha, uma resposta sarcástica que eu nem sabia que poderia dar. Se o arquidemônio fosse me matar, ele já teria feito, e alguma coisa naquilo me encorajou.

— Eu podia ter matado você, e só ficou aí parada, esperando — disse ele, largando o braço da parede. Estremeci, esperando pelo toque que eu tinha tanta certeza que viria, mas ele só olhou para mim com uma expressão brava.

Esperando pela minha resposta, percebi. Enxergando além da conta, eu compreendi.

— Mas você não me matou — retruquei, encolhendo os ombros e fingindo uma tranquilidade descontraída que eu não sentia.

Ele soltou um ronco, o som baixo e vibrante dentro do seu peito. Quase inaudível, mas eu ouvi. Era como se ele estivesse me tocando, o som penetrando em mim.

— Devia ter matado — avisou ele, e engoli em seco. — Você teria me impedido, pequena sereia? Teria se defendido se eu tentasse quebrar seu pescocinho lindo?

O sorriso amargo desapareceu do meu rosto, indo embora devagar enquanto eu sustentava o olhar vermelho dele e tentava encontrar o poço de faz de conta de onde saíam todas as minhas belas mentiras. Tentei encontrar a energia para fingir que eu me importava com o que aconteceria comigo além de nunca mais permitir que ninguém tomasse o meu corpo novamente.

Falei aquela única palavra baixinho, lhe mostrando uma vulnerabilidade que eu jamais demonstrei a alguém. Eu não sabia o que havia me possuído para escolher justo ele para ver minha vulnerabilidade; talvez fosse a nítida constatação de que eu não precisava me importar com o que ele pensava de mim.

Ele era um arquidemônio. Ele era o inimigo.

Deixei-o pensar que eu era fraca.

— Não — eu disse, erguendo o queixo para sustentar o olhar dele, que mudou de raiva para choque. Deixei-o assimilar minha resposta, deixei-o ver sua veracidade no vazio dos meus olhos por um momento muito breve.

E então vesti minha máscara mais uma vez, forçando um sorriso bonito no rosto antes de me virar e empurrar a porta para abri-la, entrando na relativa segurança da biblioteca.

Tracei uma linha reta até a mesa que eu sempre usava no fundo da biblioteca, pendurando a minha bolsa de livros nas costas da cadeira e me largando nela com um suspiro. Os passos dele eram altos enquanto ele se aproximava de mim, sem se preocupar com as pessoas estudando em volta dele conforme se aproximava. Odiei o fato de ele ter me seguido, esperava que eu o tivesse escandalizado tanto a ponto de me deixar em paz pelo menos por um tempinho.

Ele parou do outro lado da minha mesa, olhando para mim intensamente, e ergui o olhar para encontrar o dele.

— Por quanto tempo a porra desse feitiço vai durar? — perguntou ele, puxando a cadeira e se sentando nela. Suas asas tremularam, tentando encontrar

uma maneira confortável de descansar, e ele grunhiu sua frustração quando isso pareceu uma tarefa impossível.

— Elas parecem inconvenientes — eu disse, vendo o seu esforço.

Ele me fitou sério, pelo visto nada interessado em ter uma conversa trivial comigo.

— Quanto tempo? — perguntou mais uma vez, arrancando um suspiro de mim.

— Depende se você vai ficar longe de mim ou não. O toque vai piorar a atração, então você precisa evitar me tocar a todo custo — eu disse, tirando o meu livro da bolsa. — Se você ficar longe, talvez algumas semanas no máximo, aí você vai estar livre.

— Conveniente para você que eu deva evitar tocá-la, já que você se encolhe de medo quando eu tento, passarinha — disse ele, um sorrisinho arrogante virando os cantos dos seus lábios.

Ele achou que eu estivesse mentindo, e havia uma provocação naquelas palavras à qual eu queria muito não ceder.

Meu orgulho falou mais alto.

— Eu não tenho medo de você — disparei, largando o livro na mesa sem cuidado com um barulho que ecoou pela biblioteca cheia. Eu estava consciente demais de todos os olhares que se viraram na nossa direção, observando nossa interação pelo que era.

Alimento de fofoca.

— Não? — perguntou ele, estendendo o braço em uma tentativa de tocar na minha bochecha. Recuei, detestando a reação visceral que eu não conseguia controlar mais do que ele por mim. — Foi o que eu pensei.

Ele puxou a mão de volta enquanto eu olhava para o meu livro em cima da mesa, abrindo-o na página seguinte e me preparando para ignorá-lo e mergulhar nas páginas sobre história da magia.

— Não é nada com você. Eu não gosto de ser tocada — falei, oferecendo uma explicação que nem sabia ao certo por que achava necessária. Parecia uma tentativa de ser gentil, talvez por causa da vulnerabilidade que vi passar em seu rosto.

Talvez estar em um lugar novo o fizesse se sentir um monstro, também.

— Por quê? — perguntou ele, voltando minha atenção para ele mais uma vez. — Quem a deixou assim?

Meu próprio rosnado ressoou no meu peito, fazendo as sobrancelhas dele se arquearem de surpresa à medida que alguma coisa monstruosa crescia dentro de mim.

— Quem você acha que é para me perguntar isso? — disparei, mostrando os dentes em uma careta.

— Calma, passarinha. Só estou tentando te conhecer melhor — disse ele, erguendo as mãos de forma conciliadora como se tentando me convencer de que ele era inocente. Como se ele não tivesse acabado de me fazer a porra de uma pergunta muito, muito pessoal. Odiei o fato de ele ter enxergado o suficiente para saber que existiu alguém, que eu não tinha simplesmente nascido detestando toque.

Houve um tempo em que fui uma criança fisicamente carinhosa, procurando constantemente abraços da minha família e dos meus amigos.

Ele tirou isso de mim, me fez odiar a ideia do cheiro de outra pessoa na minha pele.

— É? Então pode parar — sibilei, folheando o livro tentando encontrar a página certa. — É muito melhor para nós dois se não soubermos nada um do outro.

Ele fez uma pausa, se recostou na cadeira e se acomodou, me observando. Cruzou os braços, não de raiva, mas de conforto, como se para me dizer que estava planejando ficar um tempo.

— Vou ter que discordar.

— Você *quer* ficar preso no meu feitiço para sempre? É isso? — perguntei, observando o sorriso dele esvanecer um pouco.

— Não — disse ele, dando uma gargalhada. — Mas se você vai ocupar cada porra de pensamento meu contra a minha vontade, então é melhor eu te conhecer para ter alguma coisa no que pensar. Além disso, você é a maneira mais interessante que eu achei para ocupar meu tempo aqui.

— Não tenho certeza se você disse isso como um elogio ou um insulto — retruquei, me recostando na minha cadeira.

O filho da puta realmente não ia se endireitar e ficar longe de mim, determinado a nos condenar a essa desgraça.

— Talvez tenha sido os dois — disse ele, seu rosto se iluminando com um sorriso divertido que eu senti por todo lugar, e engoli em seco, sentindo meu coração na garganta.

Merda. Aquela música amaldiçoada pela Deusa ia ser meu fim.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

CAMPANHA



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM NOVEMBRO DE 2025**